

MERLEAU-PONTY E O PRIMADO DA PERCEPÇÃO: O CORPO COMO MARCA DA CUMPLICIDADE ENTRE AS OBRAS DE 1942 E 1945

Diego Luiz Warmling¹

RESUMO: Neste artigo, veremos como *A Estrutura do Comportamento* (1942) e a *Fenomenologia da Percepção* (1945) redefinem as noções de consciência e objeto de consciência, apontando ao primado da percepção, que, encarnado, integra-se ao ser-no-mundo e brota como inerência racional e vital. De noções como estrutura, forma e ordem, a tese de 1942 redimensiona a relação entre alma e corpo a partir consciência perceptiva e prepara uma fenomenologia capaz de retornar às fontes do envolvimento pré-reflexivo com o mundo. Desta feita, é no cerne do *Lebenswelt* que a obra de 1945 restitui o sentido de ser de todos os seres possíveis, pois descreve nossa inserção mundana mais originária, a partir da qual o contato com qualquer transcendência é possível. Sendo “eu e meu”, o corpo é, aqui, não só a *Gestalt* que delimita quem somos e como podemos ser, mas a existência em seu movimento de transcendência; a gênese do sentido e do lugar de nossas experiências. Medidor do mundo e lugar da percepção, defenderemos que o corpo é, para Merleau-Ponty, a marca da cumplicidade entre a crítica da noção de estrutura pela análise do comportamento (1942) e o exame fenomenológico da percepção (1945), pois descreve modos de ser essencialmente ambíguos.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamento. Percepção. Fenomenologia. Corpo. Cumplicidade.

ABSTRACT: In this article, we will see how *The Structure of Behavior* (1942) and the *Phenomenology of Perception* (1945) redefine the notions of consciousness and object of consciousness, pointing to the primacy of perception, which, incarnate, is integrated into the being-in-the-world and springs as rational and vital inheritance. Based on notions such as structure, form and order, the 1942 thesis redefines the relation between soul and body from perceptive awareness and prepares a phenomenology apt to return to the sources of pre-reflexive involvement with the world. Being in this way, it is in the scope of the *Lebenswelt* that the 1945 work restores the sense of being of all possible beings, because it describes our most original insertion in the world, from which contact with any transcendence is possible. Being "me and my", the body is, in this context, not only the *Gestalt* that delimits who we are and how we can be, but it is the existence in its movement of transcendence; the genesis of the meaning and place of our experiences. Meter of the world and place of perception, we will argue that the body is, for Merleau-Ponty, the mark of the complicity between the critique of the notion of structure by the analysis of behavior (1942) and the phenomenological examination of perception (1945), because it describes essentially ambiguous modes of being.

KEY-WORDS: Behavior. Perception. Phenomenology. Body. Complicity.

¹ Mestrando em Ontologia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGFil UFSC). Bolsista Capes. E-mail: diegowarmling@hotmail.com

1. O Exame do Comportamento e via Experiência Perceptiva: Os Horizontes Fenomenológicos de 1942

Publicada em 1942, *A Estrutura do Comportamento* busca apropriar-se da representação que as principais escolas da psicologia experimental (Gestalt & behaviorismo) desenham acerca de nós mesmos para, disto, sustentar “que os fatos e materiais reunidos por essa ciência bastam para contradizer cada uma das doutrinas interpretativas”². A partir de noções como estrutura, forma e ordem, a primeira tese de Merleau-Ponty se esforça não apenas por redimensionar o problema da relação entre alma e corpo a partir da encarnação, mas coloca-se no nível da experiência científica para provar não ser possível retirar daí qualquer novidade que não aquela situada em quadros ontológicos implícitos adotados espontaneamente.

Esta obra visa entender as relações entre consciência e natureza para além da solução de concepções que ora transformam a natureza numa unidade objetiva constituída dentro dos limites de uma consciência e que ora interpretam organismo e consciência como duas realidades compreendidas segundo relações mutuas de causa e efeito. Pautada por um novo conceito de objetividade, representa o primeiro esforço merleau-pontiano de encontrar uma via que – para além do kantismo, do vitalismo e do mecanicismo - ultrapasse a ilusória alternativa entre causalidades objetificáveis e fins inobserváveis.

A intenção direta de *A Estrutura do Comportamento* é a elucidação crítica da noção de estrutura em termos de análise do fenômeno do comportamento. A intenção secundária é a instauração de uma nova filosofia ou de um novo tipo de filosofar. [...] *A Estrutura do Comportamento* desemboca da experiência perceptiva, pois é a consciência perceptiva que é preciso interrogar para encontrar nela um esclarecimento definitivo. [...] segue um processo ascendente e crítico que abre o caminho entre posições antitéticas cujas determinações gerais são, conforme as circunstâncias e para retomar as denominações mais tradicionais, materialismo e espiritualismo, empirismo e criticismo, idealismo e realismo³

Com o propósito de libertar-se do positivismo de acepções como a reflexologia pavloviana e o behaviorismo, Merleau-Ponty analisa a noção de comportamento para mostrar como tais correntes ora abordam-na como uma “coisa” passível de submissão diante de modelos mecanicistas, ora negligenciam a existência de fenômenos distintos de uma causalidade de elementos exteriores entre si. Posto que o

² WAELHENS. *Uma Filosofia da Ambiguidade*, p. XXII.

³ GILES. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*, p. 09.

“comportamento” não necessariamente pressupõe uma separação entre o psíquico e o orgânico, este é, para o francês, um conceito filosoficamente estratégico, pois não apenas redefine noções como “físico”, “vital” e “psíquico”, mas possibilita uma via dialética não-causal do comportamento.

Este conceito assimila em si um paradoxo deveras peculiar. Pressupõe uma estrutura que não é nem consciência, nem objeto de consciência, e que, na mesma via, não se reduz nem à pura exterioridade (behaviorismo), nem à pura interioridade (intelectualismo). E é evitando soluções antagônicas⁴ que Merleau-Ponty se dirige à *Gestalttheorie* (ou teoria da forma) para, desta, recolocar em questão as concepções clássicas do comportamento.

Ora, acreditando ter resolvido o problema da relação entre corpo e alma, é atuando como parte da solução às antinomias entre natureza e ideia que a *Gestalttheorie* surge para descobrir processos estruturais que tornam clara a concomitância entre psique e soma. Para Merleau-Ponty, historicamente, a noção de forma representa um sistema de “forças em estado de equilíbrio ou de mudança constante, tal que nenhuma lei seja formável para cada parte isolada e que cada vetor seja determinado em grandeza e direção por todos os outros”⁵. Existiria, por meio dela, um sistema de redistribuição de forças que nos garante a constância da relação entre parte e todo à qualquer mudança localizada: “toda mudança local se traduziria pois numa forma através de uma redistribuição das forças que assegurará a constância de sua relação”⁶. Neste sentido, cada Gestalt se traduziria por um campo de forças dotado de leis próprias que não deteriam sentido para além da própria estrutura dinâmica considerada; isto, é claro, tendo em vista que, paralelamente, estas leis ditariam (de modo não absoluto), para cada ponto, suas respectivas propriedades. E ainda que não visemos trabalhar com estas *Notas de Trabalho*, é n’*O Visível e o Invisível* (1964) onde encontramos uma definição bastante precisa e simétrica às de 1942, pois é aí onde Gestalt designa...

um princípio de distribuição, o pivô de um sistema de equivalências. A Gestalt não é um indivíduo espaço-temporal, presta-se a ser integrada numa constelação à cavalo do espaço e do tempo, – mas não é livre em relação ao espaço e ao tempo, não é a-espacial, atemporal, só escapa ao espaço e ao tempo concebidos como uma série de acontecimentos em si, possui certo peso que a fixa não, sem dúvida, num lugar objetivo e num ponto do tempo objetivo, mas numa região,

⁴ Tais como as do pensamento causal linear e do neokantismo, por exemplo.

⁵ MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, p. 213.

⁶ MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, p. 213.

domínio que ela domina onde reina, onde é onipresente sem que se possa jamais dizer: está aqui. [...] É um corpo – Em que sentido? O meu corpo é uma Gestalt e é co-presente em toda Gestalt. Ele é uma Gestalt. [...] A *Gestalt*, portanto, implica a relação de um corpo perceptivo com um mundo sensível, [...], transcendente, [...], de horizonte, [...] vertical e não perspectivo – [...] É um sistema diacrítico, opositivo, relativo cujo pivô é o *Etwas*, a coisa, o mundo, e não a ideia⁷

Se, deste paralelo entre as obras de 1942 e 1964, compreendemos que *Gestalt* constitui um todo irreduzível à soma de suas partes, ou melhor, um fenômeno global cujas propriedades se modificam para “cada mudança ocorrida em uma única de suas partes e se conservam [...] quando todas elas se modificarem mas conservarem entre elas a mesma relação”⁸, então podemos dizer que Merleau-Ponty assume a *Gestalttheorie* por encontrar aí um modo de ultrapassar a antinomia entre “em-si” e ‘para-si”, comumente aceita pelas doutrinas contemporâneas⁹. Entendida como fonte de estruturação, a *Gestalttheorie* permite dessubstancializar esta antinomia. A partir dela, não só é possível recusar qualquer individuação positiva de partes destacáveis, mas apontar à uma noção de uma totalidade composta de diferenças e relações internas. Rejeitando a ideia segundo a qual obedeceríamos certa causalidade entre estímulos e respostas, parece estar suficientemente apta à aplicar-se ao comportamento. Compreendida como uma estrutura global donde as vivências são apreendidas, a *Gestalttheorie* evidencia o modo como lidamos, somos e existimos entre as coisas do mundo; sendo que traduz, inclusive, a estrutura a partir da qual o organismo demarca o horizonte significativo de sua sobrevivência.

Ainda que para Merleau-Ponty as teorias clássicas da Gestalt tenham falhado ao reificar a noção de forma após se desvincularem do postulado da causalidade¹⁰, o “comportamento” representa, todavia, um modo de relação existencial com o mundo. Dele, brotam as formas privilegiadas da percepção a partir das quais ora admitimos a reciprocidade entre consciência e natureza sem reduzi-las à causalidades *a priori*, ora entendemos os estímulos como significantes enraizados em estruturas

⁷ MERLEAU-PONTY. *O visível e o invisível*, pp. 192-193.

⁸ MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, p. 70

⁹ As doutrinas contemporâneas, afirma Waelhens, compreendem o homem como ser-no-mundo, mas isto requer que sua existência seja posta fora da antinomia do em-sí e do para-sí. De fato, se for pura coisa ou pura consciência, o homem não será mais ser no mundo: “a coisa coexiste com outras coisas; não as transcende, já que não tem horizonte. Ora, o mundo não é nas coisas, mas no horizonte das coisas” (WAELEHENS, 2006, p. XI).

¹⁰ Para Merleau-Ponty, a noção de forma só poderá ser compreendida quando demos plenos direitos ao estruturalismo.

orgânica. Neste sentido, a natureza não é indiferente ao organismo, uma vez que se apresenta à ele por *Gestalten* privilegiadas. Uma filosofia segundo estes moldes deve respeitar as três ordens que a análise do comportamento nos revela, e que designam, por assim dizer, os distintos graus de associação da *forma*: as ordens física, vital e a humana. Tendo em vista as insuficiências dos gestaltistas clássicos, Merleau-Ponty aponta à necessidade de considerarmos matéria, vida e espírito como três ordens de significação, sabendo que forma e significação são recíprocas entre si.

‘A relação do mundo interior com o mundo exterior não pode ser entendida como a relação de uma chave com sua fechadura’. Não podemos nem mesmo, se o comportamento é uma ‘forma’, determinar o que nele depende cada uma das condições internas ou externas tomadas isoladamente, já que essas variações se traduzirão, nesse comportamento, por um efeito global e indivisível. [...] É aqui que a noção de forma permitiria uma solução realmente nova. Aplicável igualmente aos três campos que acabam de ser definidos, ela os integraria como três tipos de estrutura, superando as antinomias do materialismo e do espiritualismo, do materialismo e do vitalismo. A quantidade, a ordem, o valor ou o significado, que passam respectivamente por propriedades da matéria, da vida e do espírito, não seriam mais do que o caráter dominante na ordem considerada e se tornariam categorias universalmente aplicáveis¹¹

Adentrando o terceiro capítulo da obra, vemos que os elementos estruturais do mundo físico são recíprocos aos elementos significativos; e, assim, que cada uma das três ordens constitui uma nova substância que, de uma dialética rigorosamente solidária, remete à uma nova estruturação da ordem precedente. Com efeito, não obstante toda mudança local traduzir-se “numa forma através de uma redistribuição das forças que assegurará a constância de sua relação”¹², se a ordem física diz respeito ao equilíbrio dado a partir de condições exteriores privilegiadas¹³, a ordem vital retoma a análise do comportamento, admitindo, para cada indivíduo, a subsistência de uma estrutura geral expressa por constantes de conduta, e, assim, fazendo-nos aceitar que estas podem emergir como modos privilegiados de lidar com este mundo cujas estruturas comportamentais são estáveis. É isto o que a singulariza em relação às demais ordens, pois busca-se, com a ordem vital, entender a “estrutura como norma ou adaptação do organismo na atividade global com o meio enquanto campo de sinais atuais e

¹¹ MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, pp 203-205

¹² MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, p. 213

¹³ Trata-se de estruturas físicas relacionáveis entre campos de forças em ação e reação.

virtuais”¹⁴. Desta feita, acerca da ordem humana, predomina, enfim, uma estrutura cuja significatividade não se limita à pressão das situações e necessidades momentâneas, mas está sedimentada num mundo cultural, que integra as disposições biológicas à projetos existenciais. Ao homem impera, portanto, uma *Gestalt* própria, pois seus aspectos constituintes não podem ser reduzidos à soma das partes. Segundo Marilena Chauí, a ordem humana designa a “estrutura como sentido ou relação simbólica do homem com o possível e com o ausente, graças aos quais o comportamento [...] se transforma em práxis”¹⁵. Desta forma, se Merleau-Ponty busca uma análise do comportamento, trata-se, pela via da percepção, de prologar as estruturas do comportamento e tomar estas três ordens como correlatos da consciência fenomenológica.

Ao enfatizar a dimensão aberta do comportamento, se o universo se organiza em termos de *Gestaltens* privilegiadas doadas à consciência, esta, por sua vez, deve ser entendida como o meio universal por onde se manifestam os distintos eventos. Uma *Estrutura do Comportamento* buscaria, em verdade, uma filosofia abaixo e aquém da consciência reflexiva, que, por sua conta, não é a única nem a primeira manifestação da consciência, pois, antes dela, encontra-se a consciência perceptiva¹⁶.

toda percepção tem lugar num certo horizonte e enfim no mundo [...]. O mundo percebido seria o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência. Uma concepção deste gênero não destrói nem a racionalidade, nem o absoluto. Busca fazê-lo descer à terra¹⁷ (MERLEAU-PONTY, 1990 b, p. 42)

A distinção entre conteúdos empíricos e a priori se faz inoperante no âmbito da percepção; e é assumindo um ponto de vista transcendental que, para Merleau-Ponty, a consciência perceptiva torna-se coextensiva ao ser, pois “se apresenta como meio universal ao qual todo fenômeno deve se remeter para encontrar sua possibilidade”¹⁸. As *Gestalten* não representam apenas unidades de sentido a partir de regras a priori; se unificam sentido e existência empírica, nos mostram 1) a consciência como algo ambíguo que, sob todas as instâncias, realiza a mesma dialética do comportamento e 2)

¹⁴ CHAUÍ. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*, p. 66.

¹⁵ CHAUÍ. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*, p. 66.

¹⁶ Merleau-Ponty opera com uma distinção entre estes dois tipos de consciência: enquanto que na consciência perceptiva os fenômenos apreendidos são inseparáveis do material empírico de onde se apresentam, no horizonte da consciência intelectual, os fenômenos são derivados dessa uma estrutura fundamental, ali atualizada.

¹⁷ MERLEAU-PONTY. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas; precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) ; e, A natureza da percepção (1934)*, p. 42

¹⁸ FERRAZ. *O transcendental e o existente em Merleau-Ponty*, p. 41

o campo perceptivo como um horizonte indeterminado, coextensivo ao mundo e prenhe de possibilidades perceptivas, que, em contato com o ser, jamais serão dominadas por completo.

há assim uma inserção espontânea da consciência perceptiva em um domínio de eventos intrinsecamente significativos, em um mundo sensível organizado em *Gestalten*. O sentido desses eventos está autonomamente incluído nos arranjos empíricos apresentados à percepção e não é neles projetado a partir de formas a priori. [...] ao tomar os eventos do universo como *Gestalten*, Merleau-Ponty os considera como eventos para uma consciência que, por meio de suas estruturas, delimita as possibilidades de manifestação desses eventos. A consciência é assim reconhecida como meio universal, responsável pelo sentido dos eventos, um movimento argumentativo pelo qual Merleau-Ponty assumiu a atitude transcendental. Entretanto, essa atitude não é adotada em referência a um poder cognitivo a priori, mas sim em relação à consciência perceptiva, que está em contato direto com os arranjos materiais do mundo. [...] a busca por tais condições não exige nenhuma transição para um ponto de vista purificado, uma vez que elas se apresentam como atividade perceptiva diretamente ligada aos eventos empíricos¹⁹ (FERRAZ, 2012, p. 280)

Finalizando, Merleau-Ponty revela-nos seu verdadeiro objetivo, e empenha o último capítulo da tese de 1942 para tratar das relações entre corpo e alma dentro da consciência perceptiva. Ora, se até então imperou uma retomada da noção de consciência, agora temos uma retomada do transcendental, para o qual filosofia torna-se fenomenologia, caracterizando-se, enfim, por uma redefinição das noções de consciência e objeto de consciência sem, todavia, abdicar da experiência primordial donde tais noções adquirem seu sentido relativo. Para o autor, o que há de importante na *Gestalt* não é a ideia de significação, mas a de estrutura, ou melhor, "a junção de uma ideia e de uma existência indiscerníveis, o arranjo contingente pelo qual ao materiais passam, diante de nós, a ter sentido, a inteligibilidade no estado nascente"²⁰. Desta feita, é pela percepção que pulsa uma consciência originária relacionada ao conhecimento pré-predicativo de toda síntese: uma *Gestalt* como unidade de sentido deflagrada num movimento dialético intencional entre natureza e ideia. Ainda que se faça necessária por expressar a existência simbólica do corpo e do mundo, a reflexão surge, enfim, como secundária, pois jamais se desvincula deste estado pré-reflexivo, gênese de todo sentido.

¹⁹ FERRAZ. *A reelaboração do transcendental em Merleau-Ponty*, p. 280

²⁰ MERLEAU-PONTY. *A estrutura do comportamento*, p. 319

Enquanto vivência global, revela-se, portanto, um movimento intencional mais originário: o do “ser-no-mundo”²¹.

Com base em sua proposta, último capítulo da *Estrutura do Comportamento* orienta-nos à preparação de uma fenomenologia que, voltada à descrição do horizonte pré-reflexivo, explore o modo como as experiências de assimilação *gestaltica* são percebidas por um sujeito existencialmente engajado no mundo. Em 1945, a *Fenomenologia da Percepção* dirige-se, portanto, à “fundação perceptiva do mundo realizada pelo corpo próprio e no corpo próprio enquanto corpo cognoscente ou princípio estruturante”²².

2. O Primado da Percepção na Fenomenologia de 1945.

Se, em 1942, Merleau-Ponty buscou prolongar a estrutura do comportamento pela estrutura da consciência com base na observação de uma consciência perceptiva nascente e se a fenomenologia constitui, por assim dizer, um projeto que visa não apenas escapar de certos dogmatismos, mas retornar às fontes de nosso envolvimento mundano, a percepção cumpre, então, a tarefa de indicar as fontes deste nosso envolvimento direto, pré-reflexivo e prático com as coisas. Posto que a *Estrutura do Comportamento* empreende de tal forma uma análise dos fenômenos vitais²³ que, da emergência da consciência no corpo próprio, nos põe diante de um campo perceptivo onde tudo se dá segundo uma visão perspectiva dos objetos dotados de propriedades estáveis, é no cerne do *Lebenswelt* e da redução fenomenológica que a tese de 1942 cede espaço à experiência da *Fenomenologia da Percepção* (1945), cuja meta é pôr em foco “a função primordial pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento, e descrever o corpo enquanto o lugar dessa apropriação”²⁴. Buscando responder “o que é o homem?”, Merleau-Ponty elabora, em 1945, uma descrição dos componentes da existência humana. Busca a vivência de uma filosofia inédita, aporética e eternamente por se fazer; uma filosofia que nos desperta ao que a existência tem de problemática, que nos impele a abandonar certos dogmas e, pela realidade encarnada, ir aos “fenômenos tais como eles se manifestam”.

²¹ O que, por sua vez, mostra o problema das relações entre a consciência enquanto fluxo de individualidades e enquanto tecido de significados ideais.

²² CHAUÍ. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*, p. 66.

²³ A análise da relação entre corpo e alma.

²⁴ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 214.

A fim de redefinir a filosofia transcendental, a *Fenomenologia da Percepção* retoma a redução fenomenológica husserliana e desenvolve-a em vistas de defender não apenas que a camada pré-objetiva dos fenômenos é originária em relação ao mundo objetivo, mas que este representa um constructo tardio diante do que se faz pré-objetivamente. Afastando-se da eminência de um ser puro, defende a inseparabilidade “das estruturas perceptivas pelas quais tudo se manifesta, ser cujo caráter objetivo é [...] determinado posteriormente à sua manifestação fenomenal originária”²⁵.

Ao atacar os dogmatismos de uma ciência que se considera plena de conhecimento, o primado da percepção adotado por Merleau-Ponty restitui, em 1945, o sentido de ser de todos os seres possíveis, a saber: nossa abertura e inserção originárias num mundo e num corpo vivo, a partir de onde todo contato possível com qualquer transcendência se estabelece. Na contramão de empiristas²⁶ e intelectualistas²⁷, sua preocupação reside, pois, em mostrar como a percepção aponta para um mundo desconhecido, inacabado e inesgotável que, para além dos domínios imediatos da visão, evidencia 1) como a idealidade está fundada numa base sensível ou perceptiva e 2) como as evidências intelectuais e empíricas estão imbricadas em uma unidade pré-pessoal, anônima e misteriosa. Assim, um projeto como a *Fenomenologia da Percepção* estaria estruturado de tal forma que, a começar pelo corpo enquanto unidade de sentido e potência exploratória, voltar-se-ia ao mundo natural como campo fenomenal e intersubjetivo e, das relações entre o para-sí e o ser-no-mundo, descreveria enfim o pensamento reflexivo, a temporalidade e a liberdade.

Acerca desta disposição, vale uma advertência! Ainda que Merleau-Ponty ordene sequencialmente seus conteúdos, acreditamos, todavia, que seja pela análise da corporeidade onde tece os principais apontamentos acerca do primado da percepção. Neste sentido, optamos por caracterizar cada uma das partes supracitadas, mas não em seguir a ordem estipulada pela fenomenologia de 1945. Portanto, versaremos sobre *O Mundo Percebido*, sobre *O Ser-Para-Si e o Ser-no-Mundo* e só depois regressaremos ao *Corpo* como evidencia de nossa inserção mundana mais original.

²⁵ FERRAZ. *Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty*, p. 29.

²⁶ Os empiristas tornam inconcebível a aparição de qualquer fenômeno (conforme os moldes da consciência intencional), pois entendem a percepção como uma decorrência causal formal dos dados sensoriais, onde o mundo sensível funciona como um postulado *a priori* para toda experiência.

²⁷ Sem deixar de partilhar dos postulados empiristas, os intelectualistas partem de uma concepção da experiência onde a forma do mundo não está no mundo, mas na inspeção radical do pensamento.

Ora, no que tange a relação entre mundo percebido, mundo natural e intersubjetividade, Merleau-Ponty dirige-se ao mundo para sustentar que este não corresponde a um conjunto de fenômenos independentes da estrutura perceptiva, mas ao campo de possibilidades que se mostram conforme *Gestaltens*²⁸ apreendidas pela percepção humana. Sendo a totalidade dos horizontes perceptíveis, o mundo é, para Merleau-Ponty, o horizonte de todas as percepções possíveis. Sendo o conjunto onde, tomadas isoladamente, cada parte vê-se na condição de abrir um leque ilimitado de horizontes retidos e protendidos, o mundo percebido não corresponde à auto exclusões entre sujeito e objetos, tampouco pode ser reduzido a um correlato de atos perceptivos. Uma vez que, compreendido desta forma, a disposição de seus eventos acontece não numa subjetividade mas nas próprias coisas, não é nem objeto em-si nem mundo para-nós, mas dispõe de uma autonomia (em-si) que cede acesso à percepção (para-nós). O mundo percebido é um em-si-para-nós.

Repousando em si, surge como um fenômeno paradoxal que nos dá acesso ao Ser e que nos coloca em relação com um outro eu, aberto, por sua vez, às mesmas verdades doadas para mim. Assim, seremos capazes, no âmbito percepção, vislumbrar um patrimônio comum que, garantindo a distinção entre alucinações e percepções²⁹, nos ponha diante de um leque de possibilidades que não escolhemos mas que nos são dadas e formam, por assim dizer, o fundo natural e anônimo sobre o qual estão dispostas subjetividade e objetividade.

quando me volto para minha percepção e passo da percepção direta ao pensamento dessa percepção, eu a re-efetuo, reencontro um pensamento mais velho do que eu trabalhando em meus órgãos de percepção e do qual eles são o rastro. É da mesma maneira que compreendo outrem. [...] Ele percebe suas intenções em seu corpo, com o seu corpo percebe o meu, e através disso percebe em seu corpo as minhas intenções. [...] Entre minha consciência e meu corpo tal como eu o vivo, [...] existe uma relação interna que faz outrem aparecer como o acabamento do sistema³⁰

²⁸ A teoria da Gestalt de que se ocupa a *Fenomenologia da Percepção* parte do mundo tal como se encontra a nossa volta. Sem deixar de reconhecer na percepção uma experiência originária, busca restituir esta experiência primordial sem reconduzi-la ao âmbito das teorias pré-concebidas. O ponto de partida é fenômeno, tal como se apresenta pela percepção.

²⁹ No sentido de distinguir os delírios da experiência perceptiva normal, Merleau-Ponty enxerga na intersubjetividade um critério decisivo para tal demarcação. Enquanto que as manifestações intersubjetivas estão dadas aos diversos campos psicofísicos, os distúrbios são vivificados por um único sujeito, não figurando em circuitos intersubjetivos.

³⁰ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, pp. 471-473.

Com efeito, se de minha subjetividade vejo transparecer uma conduta investida de direitos iguais aos meus e se meu corpo funda a unidade do que percebo enquanto o corpo do outro afasta-se da condição de um simples fenômeno para-mim, é esta relação que nos abre para a comunicação e nos confere a dimensão do ser intersubjetivo ou da objetividade. Atravessando minhas demandas, a presença de outrem destitui meu cogito de qualquer valoração; é por ele (outrem) que perco minha segurança da solidão e tenho acesso ao ser tal como é visado para mim. Sendo o corpo o meio por onde tenho acesso e percebo a alteridade, é nela (alteridade) onde encontro um prolongamento familiar de minhas próprias intenções: “como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno”³¹.

Estes são os elementos para a descrição do mundo percebido. Todavia, se as ambiguidades da experiência pré-reflexiva não devem ser reduzidas à uma coleção de paradoxos, é pelo cogito³² que encontramos o padrão de racionalidade onde estão assentadas as atividades do corpo e do mundo percebido. Com efeito, *O Ser-Para-sí e o Ser-no-Mundo* descreve não só o papel do sujeito em meio as vivências, mas encontra na temporalidade um modo de sustentar que o pacto entre corpo e mundo antecede qualquer história pessoal, uma vez que esta advém de nossa aliança perceptivo-carnal com as coisas.

De fato, é ao tempo como vivência existencial que Merleau-Ponty se refere quando visa o sentido dos nossos atos, pois, se não há, para a fenomenologia, nada além da temporalização, esta implica-se na constituição do ser-no-mundo e da subjetividade. O sujeito não pode ser eterno, ele é temporal; e não por esta uma contingência da constituição humana, mas por ser sua própria necessidade – “o sujeito e o tempo se comunicam inteiramente”³³. Neste sentido, a temporalidade é um fenômeno indiviso de escoamento (tempo natural ou constituinte) que compreende a multiplicidade dos instantes, pedagogicamente dispostos entre passado, presente e futuro (tempo histórico ou constituído). Para Merleau-Ponty, o tempo objetivo (que existe parte por parte) não poderia nem ao menos ser suposto “se não estivesse envolvido em um tempo histórico que se projeta no presente vivo em direção a um passado e a um futuro”³⁴.

³¹ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 474

³² Na *Fenomenologia da Percepção*, o cogito deve ser entendido como a marca através da qual a experiência restitui-se de si para então pensar a verdade e elevar-se à condição de conhecimento efetivo.

³³ GILES. *Crítica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*, p. 383.

³⁴ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 446.

Privilegiando o presente como foco estável em que o instantes são reconhecidos como tal, Merleau-Ponty diferencia o tempo natural de nossa coexistência do tempo histórico, fundante da subjetividade. Sem jamais separá-los, ambos mantêm uma relação de fundação recíproca onde o primeiro é solo para o segundo e, na via inversa, o segundo, enquanto corpo percipiente, é o lugar donde o tempo natural se faz histórico. Para o francês, pensamos o ser no “através do tempo”, pois “é pelas relações entre o tempo sujeito e o tempo objeto que podemos compreender as relações entre o sujeito e o mundo”³⁵. Dado que a temporalidade sustenta uma consciência tética perante à qual passado e futuro podem se diferenciar, será no horizonte privilegiado do presente onde encontramos as estruturas perceptivas irreduzíveis aos correlatos subjetivos:

a coisa e o mundo só existem vividos por mim ou por sujeitos tais como eu, já que são o encadeamento de nossas perspectivas, mas transcendem todas as perspectivas porque esse encadeamento é temporal e inacabado³⁶.

Por via de uma integração entre os âmbitos psíquicos e fisiológicos da existência, é pela temporalidade que Merleau-Ponty busca resolver o problema da relação entre alma e corpo, posto desde 1942. A temporalidade é a costura do absoluto e do pensamento naturante à nossa facticidade (ou pensamento naturado): “é o vínculo entre o sujeito e o mundo, a alma e o corpo, o *ego* e o *alter ego*”³⁷. Posto que o presente é um campo de abertura entre passado e futuro, se os atos psíquicos se confundem com o agora, então o anonimato dos processos fisiológicos nos conduzem à uma multiplicidade de instantes sedimentados na história temporal. Desta forma, se Ser é estar envolvido com determinadas situações para assim modifica-las e se o tempo está no coração do ser-no-mundo, isto não só confere um sentido à ambiguidade da existência, como fornece o pano fundo da liberdade humana, pois a temporalidade é horizonte de mundo e de sujeito.

Retomando autores como Heidegger e Sartre, é no cerne de uma liberdade não absoluta que, amparado pela temporalidade, Merleau-Ponty dá cabo da *Fenomenologia da Percepção*. De fato, não há, para o autor, como conceber uma pessoa livre n’algumas situações e determinada em outras, pois tudo o que sou jamais depende totalmente de mim: “eu o sou para outrem, [...] meu temperamento só existe [...] pelos

³⁵ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 577.

³⁶ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 447.

³⁷ DUPOND. *Vocabulário de Merleau-Ponty*, p. 69.

olhos de outrem”³⁸. Se o passado, ainda que não exista, fornece um contexto a partir de onde podemos agir conforme nossa experiência atual e o presente – ainda que esteja amarrado ao um fundo de passado do qual não temos inteira posse – é capaz de ir além de si e, direcionado ao futuro, prover um horizonte aberto para si, então a liberdade não rompe com nossas retenções, mas é a oportunidade de reclamar os desafios dados em nosso passado e, disto, testar resposta que nortearão projetos futuros. Engendradora numa relação histórica e natural, a liberdade faz parte da constituição humana, pois, na medida em que o homem está em situação com os outros, “é a capacidade de 'recuperar' essa situação dela se destacando, [...] de lhe dar uma dimensão 'pessoal', seja para prolongá-la, seja pra transformá-la”³⁹. Operando uma troca contínua entre as situações instantâneas e os atos que fazemos nossos desde a mais simples das percepções, agir livremente significa entranhar-se em nossa existência atual (impessoal) e, contra a repetição da vida sedimentada, assumir para nós o sentido espontâneo que brota da nossa existência.

Isto posto, retornemos às diretrizes apontadas anteriormente e, pelo primado consciência perceptiva enquanto potência exploratória e unidade corpórea de sentido, vejamos como Merleau-Ponty encontra uma inerência ao mesmo tempo vital e racional cujas funções estão integradas ao movimento geral do ser-no-mundo.

Inserida tanto num corpo quanto num mundo, é pela percepção onde o sujeito se reifica junto a um horizonte através da qual vive sua existência efetiva. Na primeira parte da *Fenomenologia da Percepção*, é o corpo quem figura como agente pré-objetivo de nossa vida mundana. E se Merleau-Ponty desenvolve uma obra dividida em três partes, é pela relação entre corporeidade e mundo que reencontra a via através da qual podemos apreender-nos...

como exterioridade de uma interioridade ou interioridade de uma exterioridade, que aparece para si próprio fazendo aparecer o mundo, que, portanto, só está presente para si próprio a distância e não pode se fechar numa pura interioridade⁴⁰.

Com efeito, ao indicar o modo como o ser interage com o mundo, é pela percepção e consciência encarnada que Merleau-Ponty entende o humano. Jamais poderíamos lidar com as coisas ao nosso redor sem antes partir de certos pressupostos

³⁸ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, pp. 582-583;

³⁹ DUPOND. *Vocabulário de Merleau-Ponty*, p. 51.

⁴⁰ DUPOND. *Vocabulário de Merleau-Ponty*, p. 53.

que, se comparados às tradicionais antinomias sujeito-objeto, nos remeteriam ao envolvimento pré-reflexivo que mantemos com as coisas. Como presença inalienável, se uma realidade ou uma interpretação sua são possíveis para mim, é porque estou “ligado com o real num sentido radical”⁴¹. Aqui entendida como um “trazer à tona” experiências fundamentais de um mundo voltado à restituir o contato ingênuo com as coisas, é por uma conexão íntima entre percepção, corpo e ser-no-mundo que o homem pode projetar-se entre as coisas e revelar o “sentido do ser”. Portanto, se jamais me destaco completamente das coisas para dizer sobre elas, então, para Merleau-Ponty, o corpo é “o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é [...] juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”⁴².

Diferentemente dos pressupostos segundo os quais a mente seria, por exemplo, um universo de pensamentos e volições disponíveis somente pela introspecção, ser corpo é estar amarrado ao mundo, pois é no espaço, e sua espacialidade é o desdobramento de seu ser, a maneira pela qual ele se realiza enquanto tal. Sensível entre sensíveis, “não é da ordem do 'eu penso', mas do 'eu posso’”⁴³ – é potência exploratória. Na *Fenomenologia da Percepção*, o corpo é “a existência em seu movimento de transcendência: a potência de se juntar às coisas e se sincronizar com elas”⁴⁴. Na junção entre natureza e liberdade, é a biface pela qual as coisas se ordenam para mim, pois é num só tempo princípio motor (esquema corporal), ser sexuado e lugar da expressão.

Sempre envolvido em meus posicionamentos, constitui a estrutura estável do existir. Dispondo de uma intencionalidade própria capaz de projetar sobre os estímulos certas estruturas afetivas e habituais de apreender o meio, não pode reduzir-se a um aglomerado de elementos determinados pelo ambiente. Tal como é apresentado, o corpo não só se desvincula de uma síntese objetiva *a priori*, como é agente transcendental, pré-pessoal e anônimo. Dotado de uma autoconsciência (pois esboça uma reflexão) que se comunica com o mundo sensível segundo um sistema de equivalências, é testemunha viva da experiência dinâmica do repertório de possibilidades perceptivo-motoras na relação entre o sujeito e mundo. Assim, como bem saliente Thomas R. Giles:

⁴¹ WAELHENS. *Uma Filosofia da Ambiguidade*, p. XII.

⁴² MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 11

⁴³ CHAUÍ. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*, p. 68.

⁴⁴ DUPOND. *Vocabulário de Merleau-Ponty*, p. 13.

Todo ato de reflexão, toda tomada de posição voluntária se estabelece tendo como dimensão uma vida de consciência pré-pessoal. [...] A análise perceptiva revela em primeiro lugar o sujeito efetivo da percepção: o corpo [...] Merleau-Ponty pretende pôr em relevo o corpo fenomenal ou vivo que, sem deixar de ser objeto estranho, se comporta como sujeito, como subjetividade, quase-sujeito ou Eu natural [...]. A operação perceptiva se realiza a partir do corpo. [...] O corpo é dotado de uma autoconsciência, de um esquema corpóreo dinâmico, um sistema de equivalências, um sistema invariante pelo qual as diferentes tarefas motoras são imediatamente transponíveis. O corpo parece esboçar uma espécie de reflexão. [...] O corpo é uma potência originária, um sistema aberto sobre o mundo, o medidor do mundo. [...] A síntese do objeto é a réplica da síntese do corpo. [...] a minha existência como subjetividade faz unidade com minha existência como corpo e com a existência do mundo⁴⁵

Para Merleau-Ponty, o corpo não é nem puramente objetivo, nem totalmente subjetivo, pois, enquanto fenômeno, evidencia um modo de ser ambíguo. Medidor do mundo e lugar efetivo da percepção, não só é a biface que delimita quem somos (humanos) e como podemos agir no tempo, mas a própria existência em seu movimento de transcendência. É uma unidade sempre implícita e misteriosa que, por sua vez, é a gênese do sentido e do lugar de nossas experiências. Sendo, num só tempo, “eu e meu”, é por ele que se torna possível redimensionar as antinomias entre corpo e alma, entre em-si e para-si, bem como descrever nossa abertura mundana mais original: a pré-reflexiva, dada pela percepção. O corpo como ser-no-mundo é, portanto, a marca da cumplicidade entre as obras de 1942 e 1945.

3. Conclusão

Sendo a fenomenologia uma forma de fazer filosofia que busca colocar em suspenso a atitude naturalista em prol de uma reposição das essências na existência, Merleau-Ponty busca repor nossa inserção primordial no mundo a partir de uma descrição psicofenomenológica dos fenômenos vividos. Rejeitando a fenomenologia segundo o modelo idealista transcendental, a cumplicidade entre *A Estrutura do Comportamento* (1942) e *Fenomenologia da Percepção* (1945) redefine as noções de consciência e objeto de consciência sem cair na supressão da experiência fundamental dos horizontes possíveis. Estamos nos referindo ao primado da experiência perceptiva

⁴⁵ GILES. *Critica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*, pp. 16-18.

que, encarnada, integra-se ao movimento geral do ser-no-mundo e brota como inerência ao mesmo tempo racional e vital.

De noções como estrutura, forma e ordem, *A Estrutura do Comportamento* surge para provar que os fatos reunidos pelas escolas da psicologia experimental são suficientes para pôr em cheque cada uma de suas doutrinas. Representa não apenas a intenção de redimensionar o problema da relação entre alma e corpo a partir da encarnação, mas coloca-se no nível das ciências para mostrar a impossibilidade de nos desvincularmos completamente de certos quadros ontológicos adotados espontaneamente. De uma nova noção de objetividade, propõe-se ir além de soluções que ora transformam a natureza numa unidade dada pela consciência, ora interpretam organismo e consciência como realidades autônomas causais. Visando ultrapassar a antinomia entre o em-si e o para-si, recoloca a questão da existência, até então entendida ou como pura exterioridade ou como pura interioridade.

Abrindo mão de certos pressupostos da *Gestalttheorie*, a noção de comportamento, em 1942, diz respeito ao modo de relação existencial que estabelecemos com este mundo que nos faz admitir a reciprocidade entre consciência e natureza. Diferenciando-nos segundo três ordens estruturais recíprocas (física, vital e humana), impera sobre nós (seres humanos) uma *Gestalt* própria que impede de sermos reduzidos à uma soma de “partes-extra-partes”. De uma dialética rigorosamente solidária, Merleau-Ponty aponta para uma consciência ambígua capaz de realizar a mesma dialética do comportamento, na medida em que a experiência perceptiva indica um horizonte preñado de possibilidades que, atrelado à familiaridade do ser-no-mundo, jamais pode ser dominado por completo. *A Estrutura do Comportamento* desemboca, portanto, “na experiência perceptiva, pois é a consciência perceptiva que é preciso interrogar para encontrar nela um esclarecimento definitivo”⁴⁶. Abaixo e aquém da consciência reflexiva, temos enfim uma retomada do domínio transcendental, cujo mote é preparar uma fenomenologia capaz de descrever como as vivências assimilativas se dão por via de um sujeito pré-reflexivo engajado no mundo.

Isto posto, *A Fenomenologia da Percepção* é publicada, em 1945, como um estudo dirigido à “fundação perceptiva do mundo realizada pelo corpo próprio e no corpo próprio enquanto corpo cognoscente ou princípio estruturante”⁴⁷. Se até então estávamos preocupados em prolongar a estrutura do comportamento pela estrutura da

⁴⁶ GILES. *Critica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*, p. 09.

⁴⁷ CHAUÍ. *Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*, p. 66.

consciência com base na observação de uma consciência perceptiva nascente e se, paralelamente, a fenomenologia constitui um projeto que visa escapar de certos dogmatismos para então retornar às fontes de nossa familiaridade com o mundo, a percepção cumpre esta tarefa ao indicar procedência deste nosso envolvimento pré-reflexivo e prático com as coisas.

Em vistas de defender não apenas que a camada pré-objetiva dos fenômenos é originária em relação ao mundo objetivo, mas que esta (camada objetiva) representa um constructo tardio diante daquela (camada pré-objetiva), no cerne do *Lebenswelt* e da redução fenomenológica, a obra de 1945 busca mostrar a função primordial “pela qual fazemos existir para nós, pela qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento, e descrever o corpo enquanto o lugar dessa apropriação”⁴⁸. O primado da percepção restitui o sentido de ser de todos os seres possíveis, uma vez que compreende nossa abertura e inserção originárias num mundo e num corpo vivo, a partir de onde o contato com qualquer transcendência se estabelece. Assim, não é à toa que um projeto como este comece pelo corpo como unidade de sentido e potência exploratória, se volte ao mundo natural como campo fenomenal e intersubjetivo e enfim descreva o pensamento reflexivo, a temporalidade e a liberdade com base na relação entre o para-si e o ser-no-mundo.

Contudo, é por considerarmos a amplitude destas partes constituintes que a transição da consciência perceptiva ao corpo como ser-no-mundo, ao esquema corporal e à vivência do corpo próprio sugere ser o elo da cumplicidade entre a busca pelo redimensionamento das antinomias entre corpo e alma e o exame da percepção, que, de uma revisão do domínio transcendental husserliano, visa descrever nossa abertura mundana mais originária.

Por meio da percepção e da consciência encarnada, a corporeidade traz à baila modos de ser que, nem objetivistas, nem subjetivistas, são essencialmente ambíguos, e decorrentes do envolvimento pré-reflexivo ou irrefletido que mantemos com as coisas. Segundo Thomas R. Giles, se a vida perceptiva só pode ser efetivada a partir do corpo, este, então, é detentor “de uma autoconsciência, de um esquema corpóreo dinâmico, um sistema de equivalências, um sistema invariante pelo qual as diferentes tarefas motoras são imediatamente transponíveis”⁴⁹. Medidor do mundo e lugar factual da percepção, não só é a biface que delimita quem somos (humanos) e

⁴⁸ MERLEAU-PONTY. *Fenomenologia da percepção*, p. 214

⁴⁹ GILES. *Critica fenomenológica da psicologia experimental em Merleau-Ponty*, p. 17.

como podemos ser, mas a própria existência em seu movimento de transcendência; a gênese do sentido e do lugar de nossas experiências. Sendo, num só tempo, “eu e meu”, o corpo é, para a fenomenologia de Merleau-Ponty, a marca da cumplicidade entre as obras de 1942 e 1945, pois é pela percepção que o sujeito se reifica junto ao horizonte pelo qual vive sua existência.

REFERÊNCIAS

- CARDIM, L. N. **A Ambiguidade na Fenomenologia da Percepção de Maurice Merleau-Ponty**. 2007. Tese (doutorado em filosofia) - Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://filosofia.fflch.usp.br/sites/filosofia.fflch.usp.br/files/posgraduacao/defesas/2007_docs/doc_leandroCardim_07.pdf>. Acesso em: 06/02/2016.
- CHAUI, M. S. **Da realidade sem misterios ao misterio do mundo : (Espinosa, Voltaire, Merleau-Ponty)**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- _____. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DUPOND, P. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Wmfmartinsfontes, 2010.
- FERRAZ, M. S. A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.
- _____. A reelaboração do transcendental em Merleau-Ponty. **Dois pontos [Curitiba]**, v.9, n.1, p. 267-291, abr. 2012.
- _____. O Realismo Metafísico de Merleau-Ponty. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**, v.17, n.1, p.7-30, jan. 2007. Disponível em: <[http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/\(1\)Marcus%20Sacriani.pdf](http://www.cle.unicamp.br/cadernos/pdf/(1)Marcus%20Sacriani.pdf)>. Acesso em: 04/01/2016.
- _____. **O transcendental e o existente em Merleau-Ponty**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GILES, T. **Crítica fenomenológica da psicologia experimental em merleau-ponty**. Petropolis: Editora Vozes Ltda, 1979.
- _____. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: E.P.U, 1989.
- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1989. 1v.
- _____. **Ser e Tempo**. 5. ed. Petropolis: Vozes, 1997. 2v.
- MATTHEWS, E. **Compreender Merleau-Ponty**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010
- MERLEAU-PONTY, M. **A estrutura do comportamento**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **A natureza: curso do College de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Fenomenologia da percepção**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **Merleau-Ponty na Sorbonne: resumo de cursos filosofia e linguagem: resumo de cursos**. Campinas: Papyrus, 1990 a.
- _____. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas; precedido por Projeto de trabalho sobre a natureza da percepção (1933) ; e, A natureza da percepção (1934)**. Campinas: Papyrus, 1990 b.
- _____. **Psicologia e pedagogia da criança: curso da Sorbonne, 1949-1952**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- SARTRE, J. **O ser e o nada : ensaio de ontologia fenomenológica**. 23. ed. Petropolis: Vozes, 2014.

_____. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 4ª edição, 2012
WAELEHENS, A. Uma Filosofia da Ambiguidade. *In*: MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006. pp. I-XXV